

ISSN 2764-0434

V.9 N.1 JUNHO DE 2023

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



INSTITUTO FEDERAL

Sul-rio-grandense

Câmpus Sapucaia do Sul

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 - Piratini

Sapucaia do Sul - RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9200

E-mail: ss-ccs@sapucaia.ifsul.edu.br

Editor:

Misael Kruger Lemes

Projeto gráfico e diagramação:

Patrícia Hammes Strelow

Vanessa Levati Biff

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 9, n. 1, (jun, 2023). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação	6
Prof. Misael Kruger Lemes.....	6
Texto do convidado	8
Prof. Vicente Teixeira Batista.....	8
Nunca desista	10
Ana Paula Santos	10
Sinônimo de amor	14
Beatriz Corrêa da Silva.....	14
O amor para a minha vida	15
Carolina Da Silveira Da Costa.....	15
A vira-lata	17
Daiana Carminatti Sprenger Loureiro	17
Faça o bem sem olhar a quem.....	19
Diovana Vieira Rodrigues	19
Infinita saudade.....	22
Gislaine Martins dos Santos	22
Recomeço de um sonho.....	24
Jorge Junior Ramos de Oliveira.....	24
O despertar	27
Lutielle Pereira Carvalho.....	27
Nosso presente de Deus.....	327
Mary Grace Correia da Luz	32

Superação e liberdade.....	34
Nubia Dias Ferreira.....	34
O nascimento da minha filha	38
Raquel dos Santos Nunes.....	38
Coincidências da vida	41
Rita Simone Godoy.....	41
Meu sonho realizado	43
Zeli Gonçalves Dias.....	43

Apresentação

Prof. Misael Kruger Lemes

Estimados leitores e leitoras, é com imensa satisfação que apresentamos mais uma edição do projeto Histórias que merecem ser contadas. Esta edição é composta de treze narrativas produzidas pela turma 4F do segundo semestre do ano de 2022. O referido projeto, idealizado pela Professora Suzana Trevisan, tem compartilhado semestralmente histórias de vida desde o ano de 2013.

A presente edição é a segunda que coordeno e sou grato pela oportunidade de dar seguimento a um projeto de extrema relevância, já consolidado na comunidade estudantil. Sempre que iniciamos as atividades do projeto, é comum que os estudantes apresentem dificuldades na escolha de suas histórias, relatando não terem o que contar. Ao longo dos encontros, no entanto, as primeiras histórias começam a florescer, até que todos os alunos têm escolhidas suas histórias que merecem ser contadas. Temos a certeza, então, de que todos têm algo valioso a compartilhar.

O processo de escrita é, por vezes, árduo, mas sabemos que, ao final, teremos nosso espaço de autoria em um livro. Agradeço, portanto, aos treze autores desta edição por, generosamente, aceitarem o convite e produzirem suas narrativas, sem as quais esta fascinante coletânea não teria tomado forma. Cabe ressaltar que tais práticas conduzidas na aula de língua portuguesa permitem dar voz e protagonismo aos

estudantes e promover a expressão de ideias e pensamentos, fomentando, assim, práticas de uso da linguagem em suas diferentes modalidades.

As narrativas que seguem têm, certamente, o potencial de tocar corações por meio do uso da palavra, dando visibilidade ao que muitas vezes é invisibilizado. Desejo a você, leitor, que embarque nesta jornada de descobertas e que se inspire nos testemunhos de vida de cada autor. Por fim, que essas histórias perpassem os muros da escola e fomentem a consciência da importância da educação pública, gratuita e de qualidade como instrumento de transformação e mudança.

Texto do convidado

Prof. Vicente Teixeira Batista

Prefaciara uma obra é motivo de muita satisfação e orgulho e o convite para esta magnífica obra, “Histórias que merecem ser contadas da turma 4F”, me deixa altamente sensibilizado. Este livro é o fruto do empenho destes alunos que, ao escolherem o Curso Técnico em Administração, buscaram por uma oportunidade de formação e crescimento pessoal e profissional. O PROEJA é uma importante iniciativa do Governo Federal, que busca oportunizar e promover a inclusão social por meio da educação técnica para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Básico na idade apropriada. Com o PROEJA, esses alunos têm a chance de retomar seus estudos e se inserir no mercado de trabalho pela qualificação.

Trabalhei com esta querida turma 5F enquanto turmas 2F e 3F. Na turma 2F, lecionei a matéria de Mecânica, que é a parte da Física que estuda os movimentos. Eles rapidamente aprenderam a se mover, com muita habilidade, sempre se deslocando no sentido positivo das trajetórias de suas vidas. Na turma 3F ministrei Calor, que é a energia em trânsito que passa de um corpo para outro devido exclusivamente à diferença de potencial térmico existente entre eles. Essa energia eu a recebi com muito afeto e carinho desta querida turma.

Einstein, certa vez, disse que agradecia a inteligência de uma mula que Deus havia-lhe dado, bem como a teimosia de uma mula recebida simultaneamente. Estas palavras de Einstein

devem estimular os alunos a serem perseverantes sempre e nunca deixarem de perseguir os seus sonhos.

Neste livro, os alunos relatam suas experiências através de histórias inspiradoras de superação, aprendizagem, conquistas e transformações, pois o elemento mais transformador de uma sociedade é a educação. Cada história contada é um relato único que faz parte do cotidiano e da vivência de cada aluno. Esperamos que este livro possa inspirar outros jovens e adultos a buscar a qualificação profissional por meio da educação, e que possam contribuir para o fortalecimento do PROEJA como política pública de educação inclusiva e transformadora.

Parabéns aos autores, por suas belas histórias, e às professoras Suzana Trevisan e Vanessa de Oliveira Dagostim Pires, pela idealização do projeto deste livro.

Muito obrigado pelo honroso convite, querida turma 5F!

Nunca desista

Ana Paula Santos



No ano de 2014, na época em que eu morava sozinha em Porto Alegre, ganhei de presente uma cadelinha linda, dei a ela o nome de Xena (Guerreira). Achei que combinaria com ela, afinal ela seria criada por uma, não é? Mas isso é prosa para outra hora.

Depois que a Xena

entrou na minha vida, muita coisa mudou... A vida teve mais alegria, fez mais sentido. Apesar de ela ter destruído vários sapatos meus, colchão, fios, etc. Oh, meu Deus! Mas o tempo passou e em 2016 acabamos mudando de cidade, fomos morar com o meu “namorado”. Não demorou muito para nos tornarmos quatro. A Xena se adaptou muito bem com a chegada do novo integrante da família, que nasceu em fevereiro de 2018. Como nem tudo são flores, o pequeno Orlando Anthony não se adaptou, tendo uma série de alergias e irritações por conta dos pelos da Xena. Tivemos, então, que tomar a seguinte decisão:

deixar a Xena sob a responsabilidade do tio do meu “namorado”, pois ele nos garantiu que ela seria bem cuidada e teria bastante espaço para gastar sua energia, já que morávamos em um apartamento e, por conta disso, ela não tinha muita liberdade.

Apesar de saber que ela sentiria nossa falta e eu também sentiria, para mim era uma boa opção para todos naquele momento. E foi o que fizemos: a trouxemos para Sapucaia e aos finais de semanas vínhamos ver como ela estava. Um certo dia, meados de agosto de 2018, chegamos para ver como ela estava e recebemos a notícia de que ela havia sumido. Naquele momento, meu mundo desabou... Um misto de sentimentos tomou conta de mim: de culpa, de tristeza, de irresponsabilidade... Foi horrível. Senti-me culpada por ela estar correndo algum risco na rua, pois nunca havia andado sozinha na rua. Queria ela comigo de novo, mas estava sendo difícil encontrá-la. Mesmo assim, eu jamais a esqueci, tinha esperança de encontrá-la. No ano seguinte, mudamo-nos para Sapucaia do Sul, o mesmo lugar em que a Xena morou e depois sumiu.

Quando cheguei a Sapucaia, sempre perguntava dela para os vizinhos mais próximos e pedia que, caso a vissem, me avisassem. Um dia, um vizinho me disse que a viu nas proximidades, presa em uma residência. Imediatamente, eu saí correndo para o lugar que ele me indicou, mas não a encontrei. Embora isso acontecesse com frequência, não desanimei. Sempre andava pelas ruas com esperança de encontrá-la.

Passados dois anos, no ano de 2020, alguém me disse que viu a Xena novamente, eu sinceramente estava com medo de me encher de expectativas e “dar com os burros na água”, voltar para casa chorando, como em muitas outras vezes. Naquele dia,

no entanto, acordei bem cedo e fui até o lugar que o vizinho havia me falado, passando várias vezes em frente ao local, mas nada de enxergar a Xena... O rapaz havia me dado certeza de que era ela, como eu poderia desistir e ir embora? Quem conhece, sabe que ela tem uma patinha da frente com uma pinta branca e a outra que não tem, e fora exatamente essa a descrição que ele havia me dado... Esperei, esperei, esperei... De repente, ouço latidos fortes, cachorros brincando. Olhei em direção aos latidos e vi um cachorro que muito se parecia com a minha Xena, estava muito diferente, eu não acreditava que seria ela mesmo. Chamei-a pelo nome, mas na primeira vez não me respondeu.

Na segunda tentativa, também não. Já fazia muito tempo que não nos víamos, mas eu tinha certeza de que era ela, por conta da patinha e daqueles olhos de “pidona”, que só ela tinha. Chamei-a pela terceira vez, cheguei mais perto com os olhos cheios d’água e disse: “filha! Xena da mãe!”, e sem medo nenhum, estiquei o braço na grade da casa que ela estava, ela balançou a cola e quis pular em mim. Naquele momento, me senti a pessoa mais feliz da vida, foi lindo, foi a coisa mais maravilhosa que me aconteceu: nos encontrarmos novamente. Ela estava linda, quem a encontrou, cuidou muito bem dela. Estava como cão de guarda em uma oficina. Estava bem cuidada, não parecia sofrer ou passar fome. Enfim, já que havíamos nos encontrado, queria levar a Xena para casa. Chamei uma pessoa que viu toda a cena, minha e da Xena, contei a ele que ela havia sumido já fazia uns dois anos e eu estava procurando incansavelmente. Mostrei as nossas fotos juntas, e outras fotos dela para não haver dúvidas. Eu a queria comigo...

O senhor que me atendeu disse que o dono não estava, que era para eu voltar mais tarde.

Então, fui à casa, novamente, mas eles não queriam me entregar a Xena, alegaram que tinham cuidado dela todo esse tempo, gastando com ração e vacinas, e que, por isso, não iriam devolvê-la, caso eu não lhes desse ao menos trezentos e cinquenta reais equivalentes às vacinas. Naquele momento, não sabia o que fazer, pois de onde eu tiraria aquele valor... Ele já estava irritado e irredutível, pelo simples fato de eu existir. Realmente eu queria a Xena de volta, e como sabia que, em alguns dias, iria receber meu pagamento, peguei dinheiro emprestado e fui até lá, novamente, com medo de que ele tivesse dado sumiço na Xena. Cheguei e alcancei o dinheiro na mão dele. Antes de ele entregá-la, ele me deu a carteirinha de vacinação e me disse:

— Se ela aparecer aqui de volta, não devolvo mais!

E saiu bravo, espraguejando. Eu saí de lá “com a boca nas orelhas”, ciente de que ela era muito importante na minha vida e minha melhor companhia. Daquele dia em diante, estaria comigo. Depois disso, nunca mais nos separamos. Temos uma longa história juntas e ela sempre fará parte da minha família, minha filha, minha Xena.

Sinônimo de amor

Beatriz Corrêa da Silva

Minha vida nunca foi fácil. Desde criança, já passava por algumas dificuldades, e foi quando tudo começou. Tenho uma mãe maravilhosa, e esta, sim, é uma história que merece ser contada. Minha mãezinha tem 82 anos de idade, se chama Anair, é do interior, analfabeta, sem instrução alguma, mas de uma inteligência e garra sobrenatural. Perdeu o marido — meu pai — quando eu tinha 3 anos de idade, e não sei de onde tirou forças para continuar, pois, sozinha, e com 3 filhos pequenos não era nada fácil. Ela nunca teve outra pessoa no lugar do marido, ao contrário, viveu somente para criar os filhos. Trabalhava diariamente como empregada doméstica, enfrentando todos os obstáculos que se pudesse imaginar.

Sofreu, chorou, lutou, mas nunca decepcionou. Nunca deixou faltar o pão de cada dia para os filhos, cuidou tanto deles, que se esqueceu dela mesma. Foi pai e mãe, sempre me protegeu e cuidou de mim. Essa pessoa sobre quem falo foi, é, e sempre será a pessoa mais importante que existe no mundo para mim: mulher forte, honesta, batalhadora, que nunca desistiu da vida pelos filhos. Deu tudo de si, esquecendo-se até dela mesma. Agradeço a Deus por ter me dado a vida ao lado dela. Ela é o meu orgulho, meu espelho.

O amor para minha vida

Carolina Da Silveira Da Costa



Minha história de amor teve início em 2016. Na verdade, fui entender o que sentia no carnaval de 2020, quando notei que aquela amizade já não existia mais,

estava se tornando uma paixão. Quando nos conhecemos, em 2016, ele era o melhor amigo do meu primo e eu não gostava muito dele, ele passava uma impressão de guri antipático e metido, talvez por isso não tenha me apaixonado antes. Com o passar do tempo fomos nos conhecendo e conversando, nos tornando amigos e mais próximos, fui vendo o quanto ele passava uma impressão totalmente diferente do que eu imaginava na minha cabeça. Ele era divertido, me fazia dar risadas e mostrava o quão gente boa ele era.

Até que, em fevereiro de 2020, em um carnaval em Triunfo, peguei-me olhando para ele e imaginando como seria se tivéssemos algo... uma amiga que estava do meu lado foi a primeira a notar que eu estava com um olhar diferente para ele e perguntou se eu estava interessada nele. E não é que eu

realmente estava?! Logo eu, que tinha prometido fechar meu coração para novas pessoas e evitar novos traumas causados por pessoas do passado. Em maio de 2020, decidi abrir meu coração e contar que queria algo a mais do que uma amizade, enfrentei o medo do não, tinha que ser sincera com os meus sentimentos. E, para a minha surpresa, eu fui correspondida. Ele me disse que sentia o mesmo e que já queria algo desde 2016, quem diria, não é?! E a nossa história de amor começou desde então.

No dia 31 de maio de 2020 ficamos a primeira vez e não paramos mais de conversar sobre o que estávamos sentindo, falávamo-nos dia e noite, porque não podíamos nos ver todos os dias, estávamos em plena pandemia, mas meu coração estava alegre, dessa vez algo me dizia que ia ser diferente, até nossas conversas eram diferentes e eu decidi dar uma chance para me entregar ao que estava sentido. Foi a melhor decisão que meu coração tomou. No dia 11 de junho de 2020, ele me pediu em namoro, e eu disse sim na hora, sem acreditar no que estava acontecendo, ele era minha alegria em tempos difíceis, tinha perdido meu pai em 2018 e estava perdida em tristeza, ele que me ajudou a não afundar.

Agradeço todos os dias por Deus ter colocado alguém tão especial e que me cuida todos os dias, me mostrou que ele é o amor para minha vida, que tudo que vivi antes, era para me ensinar a ter paciência e acreditar que os planos de Deus são melhores que os que temos. Hoje, estamos casados, sabendo que a nossa história ainda é longa e que temos os mesmos planos para nossas vidas, somos parceiros e eu não podia deixar de contar a história do meu grande amor e o quanto este homem mudou minha vida para melhor.

A vira-lata

Daiana Carminatti Sprenger Loureiro

No ano de 2019, mais precisamente em janeiro, ainda morava em Esteio e estava arrumando minha mudança. Iria me mudar para Sapucaia. Numa manhã, saindo para ir ao mercado, abri o portão e “dei de cara” com uma cachorrinha vira-lata branquinha, com uma manchinha marrom no olho, que corria de um lado para o outro da rua. Quando me viu, correu para o meu lado. Ela era



tão linda e esperta que eu achei que podia ser de algum vizinho. Dei a ela pão e entrei em casa. Meus filhos se encantaram quando a viram, mas como nós já tínhamos um cachorrinho, disse a eles que não ficaria com ela.

Não sabia, no entanto, que, naquela noite mesmo, ela havia sido abandonada, não acreditava como uma pessoa sem coração tinha feito aquilo. Resolvemos, então, que ficaríamos com ela, e então saí atrás dela nas ruas, mas não a encontrei. Voltei para casa, triste e arrependida de não a ter recolhido antes.

Chegando em casa, olhei para a casa da vizinha e lá dentro estava ela, correndo de um lado para o outro. Chamei a menina que morava lá e perguntei se era dela, e ela me respondeu que não, que havia entrado em sua casa, mas não podia ficar com ela, e, portanto, me entregou a filhote que, pelo tamanho, já tinha uns 3 ou 4 meses. Levei-a para dentro do meu pátio e demos comida e banho nela. Ela era um filhote que já tinha sido vacinada e doada para um vizinho um dia antes, só não entendo o porquê de ele tê-la pegado somente para “atirar” na rua.

Minha filha, Jennifer, colocou o nome dela de Princesa, é do meu filho, Gustavo. Nos mudamos e levamos ela junto. A Princesa já está conosco há quatro anos e é nossa companheira.

Faça o bem sem olhar a quem

Diovana Vieira Rodrigues

Tudo começou por volta de agosto de 2021, no forte do inverno, em um dia que estava extremamente frio, com tempo nublado. Eu estava, como de costume, trabalhando com minhas vendas porta a porta, e havia saído com uma bolsa térmica com cerca de 30 caixas de doces para vender aos comércios, além de uma bolsa onde carregava meu dinheiro. Por volta das 16h30min, quando estava no final das vendas, já com os pagamentos feitos em dinheiro, e outros em Pix, parei em um banco para descansar, pois o dia havia sido cansativo. Foi então que percebi dois rapazes me olhando, mas não dei atenção, pois estava em uma rua movimentada. Ao longo do caminho, percebi esses dois rapazes se aproximando e meu corpo já se arrepiou, pois senti a maldade antes mesmo de o fato acontecer.

Fui abordada por eles de uma forma rude, já sendo intimada a entregar meus bens e minha carteira com o dinheiro das vendas que batalhei o dia inteiro, mas que foi levado. Eu fiquei no chão! Depois de horas lamentando, chorando, eu respirei e pensei que “vão-se os anéis e ficam os dedos”, pois eram bens materiais. Um tempo depois, estando calma, mandei uma mensagem para minha mãe contando o acontecido, mas quem me respondeu foi minha irmã, de apenas 9 anos, que escreveu uma linda mensagem com palavras de acolhimento. Me surpreendi com a mensagem escrita por uma criança e tirei um print da mensagem nos status, mas sem intenção alguma de ser recompensada, mas sim por emoção.

Recebi algumas mensagens de conforto e, horas depois, recebi uma mensagem de um cliente muito interessado no que havia acontecido comigo, e me fez perguntas de como teria acontecido, se eu estava o dia inteiro vendendo, quanto havia sido roubado, etc. Estranhei, mas respondi... O que eu não esperava era o que estava prestes a acontecer... ele falou sobre sua fé e comentou que Deus está à frente, e que, quando perdemos algo, Deus nos dá em dobro. O homem perguntou o valor que haviam me levado, e eu o respondi. Ele pediu minha chave Pix e eu, que não sou boba, passei os dados, pois vai que meu dia de glória tivesse chegado... Uma notificação no aplicativo do meu banco surgiu, com uma transferência Pix no valor que coincide com o dobro do que me foi roubado. Fiquei incrédula, pasma e sem reação. Eu não entendia o propósito de alguém ser capaz de fazer um gesto tão grandioso por quem não tinha tanta proximidade, então imediatamente o chamei para agradecer, pois eu não tinha palavras além de gratidão. A resposta dele foi a seguinte:

— Deus tocou em mim! Reconheço que tu és uma mulher guerreira no dia a dia, e eu estou em uma fase boa na vida. O que fiz por ti, no futuro você poderá retribuir para outra pessoa.

Me emocionei, e o que aprendi foi que, muitas vezes, não sabemos os propósitos de Deus, com tanta maldade no mundo, por vezes, desacreditamos no amor ao próximo, na compaixão e empatia! Mas a mensagem que quero passar para você é que não perca a oportunidade de estender a mão ao próximo, ser o ombro amigo de alguém, seja acolhendo com uma palavra de conforto,

ou sendo cortês e solidário, pois o bem que jogamos ao universo volta para nós.

Infinita saudade

Gislaine Martins dos Santos

A história que hoje venho contar ainda é dolorosa e muito recente para mim. Há 1 ano e 6 meses, mais precisamente no dia 15 de julho de 2021, em um dia chuvoso e nublado, chega a triste notícia para mim da morte de minha mãe. Naquele dia, como de costume, passei na casa dela às 7h30min da manhã, hora que tirava para vê-la, tomar uma xícara de café e colocar o papo em dia. Conversamos e nos despedimos, sem saber que aquele dia seria a última vez que iríamos nos ver.

Fui trabalhar, e por volta das 11h da manhã, recebi uma ligação estranha, que pedia que eu comparecesse na Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Perguntei o que havia acontecido, mas apenas pediram que eu fosse até lá. Resolvi, então, ligar para meu pai, e foi ali que recebi a pior notícia de minha vida: a morte de minha mãe. Meu corpo parecia flutuar, como se estivesse a sonhar, mas, de repente, caiu a ficha e percebi que realmente estava acontecendo o que eu mais temia: ficar sem minha mãe. Chegando ao local em que ela estava, perguntei o que havia acontecido, mas apenas me disseram que ela havia sofrido um infarto.

Não conseguia acreditar, pensava comigo o quão nova ela ainda era, apenas 56 anos de idade. Eu realmente não estava preparada para aquilo, mas tive que secar as minhas lágrimas, tomar a frente de tudo e ir escolher as suas últimas vestes, a funerária, seu caixão, e finalmente, lugar para enterrá-la onde fora sua última morada. Tudo aconteceu tão rápido que quando

percebi, me deparei sem ela. Meu coração estava a doer de mais, minha alma abalada, chorei por meses a falta dela, me perguntando e questionando a Deus porque eu tinha que passar por isso ou porque agora, quando olho as pessoas com suas mãezinhas idosas, penso na minha que não teve a oportunidade de viver mais tempo sobre a terra.

Mesmo sofrendo com tudo isso, agradeço a Deus por não ter permitido que ela ficasse sobre uma cama sendo cuidada pelos outros, pois ela sempre falava desse medo de ter que depender de alguém para cuidá-la, ficaram apenas lembranças de tudo o que vivemos. Não me arrependo de nada em relação a ela, a amei, respeitei, cuidei, tive a oportunidade de ser uma boa filha para retribuir a boa mãe que ela foi para mim, para meus irmãos e para suas netas. Hoje, restam-me apenas saudades... saudades do seu sorriso, do seu abraço com aquele perfume maravilhoso, de nossas conversas e de suas ligações toda a noite.

De tudo isso, tiro uma lição: que a vida é curta e que não devemos ter vergonha de dizer “te amo”, que temos o dever de respeitar e de nos doar para aqueles que amamos, se tivermos vontade de comer algo, de ir a algum lugar, que achemos tempo para isso, pois estamos apenas de passagem e um dia retornaremos para casa sem levar nada dessa vida, apenas o que vivemos e o que significamos para aqueles que aqui ficarem.

Recomeço de um sonho

Jorge Junior Ramos de Oliveira



Minha história começa no dia 20 agosto de 2019, quando resolvi voltar a estudar para terminar o ensino fundamental. Em um diálogo com a família, em uma conversa à noite, minha esposa me cobrou:

— Amor, por que você não volta a estudar, terminar seus estudos e seu ensino fundamental já que você tem um sonho de concorrer a vereador pela nossa cidade? Sem estudo, não se consegue nada na vida!

Resolvi, então, fazer minha matrícula na Escola Justino Camboim, na turma da noite. Quando cheguei à escola, senti vontade de retornar para casa. Quando entrei na sala de aula, eu

era o mais velho da turma, todos os outros alunos eram mais novos do que eu em termos de idade. Aos poucos fui aprendendo, mas minha maior dificuldade era em História, pois o professor era bastante rígido com a turma, que só queria fazer bagunça dentro da sala de aula.

Lembro-me do dia em que saímos com o ônibus escolar e fomos a Novo Hamburgo, onde, no estacionamento da FENAC, fomos conhecer uma feira, chamada MOSTRATEC, com expositores de todos os países. Naquele dia, aprendi muitas coisas. Chegado o mês de novembro, vieram as provas das matérias que faltavam para eu passar. Fui bem em todas elas. Era chegado, então, o grande dia do meu sonho concretizar: minha formatura, no dia 05 dezembro de 2019. Foi emocionante ver a secretária e os professores chamando meus colegas... Que emoção! Cheguei a chorar quando recebi meu diploma.

Tempos depois, quando passava em frente ao IFSul, parei a moto na sombra, em frente ao portão. Fiquei pensando: será difícil estudar nessa escola? Será que é uma escola privada? À noite, eu estava em casa, navegando no Facebook, quando me deparei com a publicação sobre a abertura das inscrições para o curso técnico em Administração. Que felicidade! Somente conseguir efetuar a inscrição já era motivo de felicidade.

Ao ocorrer o sorteio das vagas, entre as 100 vagas do curso, fui sorteado em décimo lugar. Que alegria! Imagina eu, nunca imaginei chegar tão longe. Chegou o grande dia: 26 de julho de 2021, quando tudo começou. Vieram as primeiras aulas remotas. Éramos da turma 1H, que depois se tornou a turma 2F. Em janeiro de 2022, as aulas retornaram, também, de forma presencial. São tantas as memórias, dentre elas as aulas de

História e Geografia, com os professores Roger e Guilherme, sem falar na saída de campo ao museu de São Leopoldo.

Com as aulas presenciais, a turma 3F tornou-se uma turma muito unida, principalmente em dias de prova. Sempre nos ajudávamos nas aulas e nos trabalhos. Isso sem falar nas aulas do professor Vicente, de Física, cujas fórmulas eram muito “puxadas”. Que alegria quando chegava a sexta-feira, nossa amiga Raquel sempre falava: “Prof. Paulo, sextou!”, a turma estava sempre feliz e animada quando tínhamos aulas de Matemática nas sextas.

Além de todos os momentos vividos, muitas coisas ainda irão acontecer, acima de tudo a história ficará para sempre: o aprendizado e as amizades que eu fiz dentro da escola. Sou muito grato por tudo.

O despertar

Lutielle Pereira Carvalho



Era meia-noite e o despertador me avisou que já estava na hora de despertar para mais um dia normal e corrido. Era o que eu esperava ao acordar. Porém, aquela manhã de abril de 2018 seria diferente de todas as outras, algo peculiar estava para acontecer... Como de costume, acordei, arrumei rapidamente as crianças, deixei-as na babá e fui até a parada do ônibus. Enquanto aguardava o ônibus para ir ao trabalho, já sentia sensações estranhas, e um mal-estar não definido me consumia. Mesmo assim, embarquei no ônibus, e, para

“variar”, todos os assentos estavam ocupados. Dirigi-me para o final do ônibus e ali fiquei, quando, em um piscar de olhos, acordei no hospital, deitada e no soro. Que susto!

Ainda sonolenta, sem entender nada, tentei levantar. Sem forças para me manter em pé, deitei novamente, até que uma enfermeira veio conversar comigo, e me informou que eu havia desmaiado dentro do ônibus e por isso fui levada ao hospital, desacordada, mas que passaria por um médico e por alguns exames. Que dia longo foi aquele, nem sabia o que pensar, só queria ir embora, mas não foi o que aconteceu...

Ao final do dia, o médico plantonista informou que não poderia me dar alta pois em um dos exames realizados havia encontrado três nódulos, um localizado atrás de meu rim direito, outros dois próximos ao fígado, e se fosse embora necessitaria iniciar um novo atendimento e novos exames para averiguar a fundo. A única coisa que eu pensava naquele momento de decidir ou não ficar baixada no hospital eram meus dois filhos, o Davi, com 9 anos, e a Isabelle, com 6 anos. Eles só tinham a mim, pois minha mãe, já uma senhora, não poderia ficar com eles.

Então, uma amiga muito querida, que sempre me ajudava e aconselhava, se propôs a ajudar a cuidar deles junto com a irmã dela. A babá, que cuidava da minha filha menor, também se propôs a cuidar intercalando com as duas. Assim, inicialmente, fiquei na observação do Hospital até que houvesse um leito para mim e já no primeiro dia fiz um amigo de hospital, engraçado, não é?! Mas, logo de cara, já nos acertamos e ficamos amigos. Durante alguns dias, dividimos a comida — “contrabandeada” por nossas visitas — mas, logo após, nos separamos e fui para um quarto da maternidade, pois meu estado era estável e eles não tinham um diagnóstico para mim. Já ele ficou na ala masculina, na parte da frente do hospital, mesmo assim, passeávamos pelo

hospital nos horários sem soro, e, inclusive, tomamos cafezinho com a segurança, conhecia todas as enfermeiras e as alas do hospital.

Contando dessa maneira, parece maravilhoso, parece a estadia em um hotel. Quem dera... Dez dias se passaram e o médico informou que havia uma probabilidade de ser um câncer e que, naquele momento, não poderiam realizar a cirurgia, pois um dos nódulos estava junto ao fígado e o outro, maior, estava entre a veia aorta. A operação, portanto, seria de risco. Dez dias, sim! Levaram todo esse tempo para me informar que não sabiam o que fazer comigo e nem como proceder. Entrei em desespero, longe das crianças não podia vê-los, e minha mãe, super preocupada. Minha amiga querida ia todos os dias ao hospital dar notícias, me ajudar nos papéis para afastamento da empresa e outros que fossem necessários.

Ah, quantas noites eu já havia passado em claro, chorando... mesmo tendo apoio e ajuda, para mim, a morte parecia estar ali presente e eu não podia fazer nada além de esperar. As enfermeiras sempre muito atenciosas comigo, verdadeiros anjos; a auxiliar de nutrição, sempre com um sorriso no rosto e com um iogurte ou suco para mim. Meu namorado vinha me visitar todos os dias, sempre estava presente, era sempre muito amoroso e me ajudava. Meus colegas e amigos vinham me visitar e mandavam mensagens de motivação.

Com quase vinte dias de internação, o médico sugeriu que fossem feitas uma pulsão e uma biópsia para a redução dos nódulos. Parece mentira, mas, para minha sorte, a biópsia foi perdida, e o medo e a angústia que já viviam junto de mim aumentaram. O médico solicitou minha transferência para outro

hospital, que possuía mais recursos. Na mesma semana, houve duas mortes de bebês na maternidade, mulheres que ganharam bebês, mas voltaram por negligência médica... inacreditável, mas em um dos casos, o médico esqueceu uma gaze dentro da mulher.

Enfim, o tão sonhado dia da alta havia chegado. Sem cirurgia e sem saber, ao certo, o que eu realmente tinha. Foram 28 dias, noites em claro, dias intermináveis, os quais achei que não suportaria longe da minha família; momentos felizes e outros nem tanto; pessoas maravilhosas que conheci, que, com tão pouco, e através de um gesto, mudavam o dia de alguém sem pedir nada em troca; por outro lado, percebendo que algumas pessoas sem nenhuma empatia, desprezíveis, com tanto valor aquisitivo, não dispunham do mais precioso: a saúde. Ah, quanta bagagem adquirida dentro daquele hospital, saindo daquele quarto que já havia se tornado meu lar durante aqueles dias.

Deixava para trás uma Lutielle descrente de tudo, que era autossuficiente e, às vezes, um tanto arrogante e acelerada com a vida que vivia. Sem saber ao certo o próximo capítulo da minha jornada e com uma fé inexplicável que habitava em mim, eu sabia que os momentos e experiências que ali vivi tinham um propósito. E, assim, voltei para casa e como foi bom abraçar meus filhos e minha mãe, o quanto eu passei a valorizar mais a vida depois dali, a liberdade e as pessoas.

Dois meses após a saída do hospital, realizei, no mesmo local onde estive internada, a cirurgia; os dois nódulos maiores foram retirados, levando 18 pontos no abdômen. A cirurgia durou aproximadamente cinco horas, devido a algumas complicações, dois dias no hospital e estava de volta para casa.

Precisei de alguns cuidados devido ao tamanho do corte, meu namorado pediu demissão de onde estava trabalhando e ficou junto comigo, me cuidando e auxiliando com as crianças.

Segui o tratamento e ainda realizo revisões anualmente devido à permanência de um dos nódulos. Posso dizer que o tempo no hospital me tornou mais humana, menos materialista, grata pelo que tenho e pelas pessoas que me cercam. As atitudes valem mais do que as belas palavras ditas e falo isso com convicção.

Infelizmente, ou felizmente, alguns acontecimentos vêm para te sacudir e você se encontrar, ou ainda para mudar e te mostrar uma nova perspectiva. Em outros casos, apenas acontece e passa despercebido, a pessoa continua igual. Cada amanhecer é um novo capítulo que nos é dado com a oportunidade de escrever novas páginas com novas atitudes. Sendo bem clichê: “a vida é um sopro! O que você vai escrever diferente hoje?”.

Nosso presente de Deus

Mary Grace Correia da Luz

Sempre tive o sonho de ser mãe, então, em 2007, descobri um problema e tive que parar de usar anticoncepcionais para fazer um tratamento, não poderia engravidar durante 6 meses. Fiz o tratamento, conforme precisava, estava tudo certo e logo voltaria a me cuidar. Foi então que, em março de 2008, descobri minha gravidez. Logo no começo, iniciei meu pré-Natal, e já no primeiro mês fazia os acompanhamentos e ouvia o coração do meu bebê, tudo normal. Ao terceiro mês de gestação, descobrimos o sexo do bebê: um menino. Já havíamos escolhido o nome, nosso menino se chamaria Pyetro. Tudo certo com o peso, tamanho, coração, etc. Acompanhamentos mensais, enxoval, berço, tudo estava preparado.

No sexto mês, era para ter sido feita uma ecografia morfológica, que precisaria ser paga, pois não ainda havia sido liberado meu convênio, então optei por não fazer esse exame. No sétimo mês, fui fazer outra ecografia, mas estranhei um pouco quando o médico pediu para ver a eco anterior, no entanto, entreguei a ele. Ele perguntou se eu sabia o sexo do meu bebê, e eu respondi que sim, que era um menino. Como o médico estava apertando muito o aparelho da ecografia em minha barriga e fazendo muitas perguntas, eu estranhei e perguntei o que estava acontecendo, se havia algo errado com o meu bebê. Ele, então, respondeu e disse que não, mas que não era somente um bebê. Eu fiquei assustada... como assim? E ele me disse: há dois bebês.

Naquele momento fiquei em choque, e ao mesmo tempo feliz pelo outro bebê estar bem. Corremos contra o tempo, pois o outro bebê estava correndo risco de vida, não conseguia pensar em nada. Logo, conseguimos outra ecografia e descobrimos que o cordão umbilical do nosso presente de Deus era muito fino, e que ele estava abaixo do peso. Conseguimos consulta em Porto Alegre, no dia 12 de novembro de 2008. A médica disse que eu precisaria ficar internada para acompanhamento dos bebês. Fizemos a internação e logo o médico disse que ia induzir meu parto. Fiquei assustada, pois não estava preparada, mas se era pra ser assim, que assim fosse. Induziram o parto e fiquei 20 horas em trabalho de parto.

Enfim, os gêmeos nasceram, no dia 13 de novembro de 2008. Pyetro, com 2,445, às 8h02min e Pyerre, com 1,680, às 8h14min. Pyetro ficou 5 dias no hospital, e Pyerre ficou 15 dias. Apesar do susto todo, de descobrir a gestação gemelar 17 dias antes do parto, nós passamos bem e eles estão grandes e saudáveis. Hoje, eles estão com 14 anos de idade, e agradeço muito a Deus por nossos meninos, nossos presentes de Deus.

Superação e liberdade

Nubia Dias Ferreira



Minha história começa em um dia de inverno chuvoso, ao final de uma rotina de trabalho, em que meu colega se atrasou para me substituir no meu posto de trabalho.

Quando, finalmente, ele chegou, rapidamente passei o relato e orientações do dia para ele, e fui o mais rápido possível para a parada do ônibus, que fazia a linha de retorno para minha casa. Dali em diante, tudo começava a conspirar contra mim. Percebi que estava muito atrasada, meu telefone sem bateria e o ônibus que precisava pegar havia acabado de sair. Perguntei a uma senhora que estava próximo de mim, em meio àquela chuva que não cessava, qual seria o próximo ônibus que faria o mesmo trajeto para minha casa. Ela me respondeu que, caso não atrasasse, por volta de 20 minutos haveria outro. Já eram 19h15min e a ansiedade tomava conta de mim, pois tinha, no máximo, até às 19h30min para pegar minha filha na creche. Não conseguia ligar para a tia da creche para avisar que iria atrasar, pois meu telefone estava sem bateria. Ansiedade e impaciência tomavam conta de mim... Como era dia típico de inverno aqui

no Rio Grande Sul, meu casaco estava todo molhado, e estava exausta com os olhos fixos na rua, na esperança do tal ônibus chegar.

Passados alguns minutos, eis que o ônibus chega, para meu alívio. Embarquei no ônibus e me acomodei no banco mais próximo da porta de desembarque. O ônibus estava lotado, parecia se arrastar naquele trânsito de final de tarde fria e chuvosa. Novamente, atentei ao horário, e quando olhei o relógio no pulso de um senhor, que se apoiava em pé ao lado do meu banco no corredor, vi que já eram 19h25min e não estava nem mesmo na metade do trajeto de volta. Sendo assim, tudo que me restava era aguardar o ônibus chegar ao meu destino de desembarque. Olhava pela janela e a noite já havia caído...

A chuva continuava, um pouco mais lenta, mas persistente. Pela minha percepção do trajeto, faltavam duas paradas e a próxima seria a minha para desembarque. Novamente olhei no relógio no pulso daquele senhor, que já marcava 19h36min e aquela agonia tomava conta de mim, quando, finalmente, chegou minha parada de desembarque. Desci rapidamente do ônibus e corri em direção ao portão de entrada da escolinha. Meu desespero ao ver que as luzes da porta de entrada estavam apagadas e o portão cadeado... um misto de pavor e desespero sem saber o que fazer com a creche fechada, sem ter como entrar contato com a diretora, pois a bateria do meu celular havia descarregado. Percebi, então, um casal acomodando um bebê no carro e rapidamente me aproximei. Expliquei o que havia acontecido e eles, solícitamente, emprestaram-me o telefone celular. Entrei em contato com a

diretora da creche, que disse minha filha estava no conselho tutelar devido ao meu atraso.

Rapidamente dirigi-me ao conselho, que ficava nas proximidades, para pegá-la. Daquele dia em diante, determinei que tiraria minha carteira de motorista, e, então, começou minha saga dedicada à tão sonhada habilitação. Organizei-me e agendei horário no CFC da minha cidade, abri meu RENACH para habilitação na categoria B, e iniciaram-se as aulas teóricas, acompanhadas de todo meu deslumbre pela habilitação. Na sequência, veio a prova a teórica. Apesar de estar um pouco apreensiva, lá estava eu, confiante, na data marcada, para realizar a prova. Após 5 dias, saiu resultado: aprovada para iniciar as aulas práticas.

Foi uma luta e uma superação para a conquista da habilitação. Reprovei 8 vezes na prova, cheguei a pensar em desistir, pois achei aquilo não era para mim. Já não tinha mais de onde tirar recursos financeiros para custear provas e aluguel de carro para as aulas reforço. Diante daquela angústia que me consumia, comentei com minha mãe que ia desistir da habilitação, mas, como diz ditado: “mãe é mãe”, então ela disse que pegaria, com suas economias da poupança, para me ajudar, mas eu teria de ir ao psicólogo, pois meu eu estado de nervos era meu pior obstáculo, e assim o fiz: marquei psicólogo na própria autoescola, pois é direito, embora muitas pessoas não saibam disso. Após orientação do psicólogo, afastei-me das provas por 15 dias. Após aquele período, voltei e remarquei aulas práticas de reforço, além de agendar a prova.

Minha 9ª prova chegou, jamais esquecerei daquela tarde fria de inverno, aguardava minha vez, tendo sido a quarta a ser

chamada. Quando o avaliador chamou meu nome, respirei fundo e fui. Muito simpático, ele pegou meus dados e me liberou pegar carro dar início a prova, era um misto de nervosismo e medo, mas consegui realizar baliza no tempo de 4 minutos com êxito. Fomos, então, circular pela cidade, já estava um pouco mais confiante, fiz o percurso no centro da cidade, sempre sob o comando do avaliador. Quando ele me disse para retornarmos ao local da prova, eu, atenta ao volante e a tudo que ele me pedia, estacionei o carro e tirei o cinto de segurança e logo veio a professora da auto escola me atender e esperar a avaliação. O avaliador terminava de preencher o papel naquela prancheta e minha angústia não cabia mais em mim. Ele me estendeu a mão e disse: “ótima motorista, aprovada sem pontuação negativa”.

Foi a melhor sensação que eu podia ter sentido, pois toda aquela angústia de incapacidade eu deixava para trás, superei meu próprio medo. Minha habilitação foi um divisor de águas na minha vida. A mensagem que eu deixo aqui é para que nunca, jamais, desistam daquilo que começaram, por mais difícil que seja! Quantas humilhações eu passei, deboches de que jamais iria conseguir a habilitação, o próprio professor da autoescola sugeriu que eu desistisse. Não dê ouvidos a quem nada acrescenta. Hoje, estou há 10 anos habilitada, sem nenhuma infração até momento. Dedico essa conquista, primeiramente a Deus, à minha mãe, ao meu esposo e à minha filha.

O nascimento da minha filha

Raquel dos Santos Nunes

Essa história aconteceu em um final de semana de janeiro, quando resolvi sair para me divertir com uma amiga, Phamela. Sentamos em um barzinho no centro de São Leopoldo, e ali passavam muitas pessoas. Então resolvemos entrar em uma balada. Conversa vai e vem, quando avistei um lindo rapaz que me chamou a atenção, um moreno lindo que não imaginava que ali, naquele momento, iria se iniciar uma linda história de amor. Naquela noite de sábado, nós nos conhecemos, jogamos conversa fora, falamos de várias coisas de amigos, sobre coisas que estavam acontecendo na própria festa.

Foi então que ele resolveu me beijar, e eu, como não era nem um pouco boba, aceitei logo o beijo, e então foi amor à primeira vista. Nossa história de amor durou pouco tempo, mais ou menos uns três meses, quando descobri que ele estava me traindo com uma outra pessoa, que eu nem conhecia e tampouco sabia de onde era.

Sofri bastante com tudo aquilo que estava acontecendo ao meu redor, pois já tinha tomado a minha decisão de não me envolver mais com aquele cafajeste que eu achava que seria o homem da minha vida. Boba fui eu, né, de me iludir assim tão fácil assim por uma pessoa mal conhecia.

Passadas algumas semanas, eu já estava até acostumada a não receber ligação dele e nem mensagens no celular, pois naquela época não existia Whatsapp. Dias foram se passando e eu já não estava me sentindo muito bem, andava meio enjoada,

tonta, com ânsia de vômito, nem imaginava que ali iria se iniciar uma nova vida, que ali eu iria me tornar a mulher que eu sou hoje.

Para dar sequência à minha história, descobri, então, que estava grávida de algumas semanas. Naquele momento, meu chão desabou, não sabia o que iria fazer, pois também passava um filme na minha cabeça, já que não estava mais com meu ex, o pai da criança, que estava crescendo dentro da minha barriga. Resolvi não contar, de imediato, ao meu ex que eu estava esperando um filho dele, pois não sabia qual seria sua reação a respeito, principalmente por termos ficamos juntos por pouco tempo.

Dias e semanas foram se passando e a barriga foi crescendo. Enfim, nos reencontramos em um aniversário de um amigo aleatório, em uma chácara na Lomba Grande, bairro perto da casa onde eu morava com a minha mãe. Paramos para conversar e ali se iniciou uma longa história, quando realmente percebi que já não iria existir absolutamente mais nada entre nós dois, que tudo aquilo que eu sentia por ele já não existia mais. Ele insistia muito para que ainda houvesse algo entre nós, pois desejava criar nosso filho junto comigo, então, naquela noite, não nos acertamos e cada um foi para o seu lado. Minha barriga já estava crescendo e eu, cada vez mais, inchada da gravidez, pois já estava com 6 meses.

Em um feriado de sexta-feira santa, passei mal e acabei indo para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) perto de casa. Chegando lá, o susto: estava com minha pressão super alta, 220/110, tive de ir direto ao Hospital Centenário de São Leopoldo. Chegando lá, fiz vários exames, passei a noite de

sexta toda e sábado o dia todo no hospital. Chegados os resultados dos exames, fui diagnosticada com pré-eclâmpsia, uma doença que acomete mulheres grávidas, inclusive muito perigosa. Foi quando, em um domingo lindo de páscoa, nasceu minha filha, razão da vida, minha inspiração de hoje, uma menina linda que se chama Nicole Rafaela. Ela nasceu prematura, com 1,95 kg e foi direto para a incubadora, onde ficou por um mês e vinte dias internada para obter peso, pois cabia na palma da minha mão, mas graças à bondade de Deus, tudo deu certo, Nicole logo ganhou peso e saiu do hospital.

Poderia narrar muitas outras coisas, mas essa é uma parte importante da minha história. Para conhecimento dos leitores, a Nicole hoje está com 18 anos e o pai dela sempre foi, graças a Deus, muito presente e até hoje me ajuda financeiramente. Hoje, nos tornamos grandes amigos. Não me arrependo de nada, minha filha é tudo para mim e tudo que faço hoje é para ela, minha razão de viver, meu amor, e eu a amo muito.

Coincidências da vida

Rita Simone Godoy

Minha história começa quando eu estudava na quarta série do ensino fundamental, na Escola Padre Reus, onde havia um aluno na classe, colega de aula,



que, no futuro, tornou-se meu marido. Eu, como sempre, gostava de fazer muitas amizades, sempre de bem com a vida. No decorrer dos anos, terminei o ensino fundamental e o ensino médio, e fui trabalhar, viver minha vida e aproveitar.

Com o passar dos anos, namorei muito, saí para festas, quando, um certo dia, numa bela tarde, fomos ao bingo, eu e minha mãe. Chegamos lá, e esbarrei com um cara, com aquela pessoa: o meu amigo de escola. Adivinha qual foi a primeira coisa que ele me perguntou:

— Oi, tudo bem? E aí, solteira ou casada?

Ali, já fomos nos olhando e o coração bateu mais forte um pelo outro, já que fazia anos que não nos víamos. Ele me dizia que sempre se lembrava de mim da época da escola, mas eu não

conseguia me lembrar dele, mas, tudo bem, bastava ele se lembrar de tudo da época da escola. Em seguida, marcamos de nos encontrar para nos conhecermos melhor e lembrarmos-nos da época da escola. Ele comentou que estava saindo de um casamento conturbado, e eu estava saindo de um noivado muito complicado. Ali mesmo, começamos a namorar, ficamos juntos quase um ano e logo engravidei do meu primeiro filho, Guilherme Godoy.

Tivemos uma experiência muito desafiadora porque éramos jovens e já com um filho, mas como havíamos decidido viver uma vida nova, fomos aos poucos construindo nossa família. Eu, cuidando de casa, e na época, ele, trabalhando. Depois, com o tempo, voltei a trabalhar para ajudar em casa. Com o passar dos anos, depois de 12 anos, veio minha segunda gravidez: o Gabriel Godoy, para completar nossa família.

Hoje, sou uma pessoa muito feliz, porque aquele amigo de escola se tornou o meu marido e já faz 24 anos que estamos juntos. Neste ano, vamos para as bodas de prata com 25 anos. Quem diria que eu encontraria o amor da minha vida no colega de classe...

Meu sonho realizado

Zeli Gonçalves Dias

No ano de 2008, minha filha estudava em uma escola do município. Certo dia, a orientadora dessa escola me chamou e me deu uma folha para que minha filha participasse de uma seleção para concorrer a uma bolsa de estudos no colégio São Lucas, de Sapucaia, e ela acabou ganhando a bolsa e lá concluiu o segundo grau. Naquela época, conheci um professor que me ajudou a me preparar para o Encceja, quando fiz um curso preparatório. Fiz, então, o Encceja e passei. Terminei o ensino médio e fiquei muito feliz por ter conseguido.

Eu tinha o sonho de trabalhar em escritório, e certo dia, minha filha mais velha viu um edital do IFSul para fazer o curso de Administração, integrado ao ensino médio, e me inscreveu para fazê-lo. No momento em que fiquei sabendo que havia sido sorteada para fazer o curso, logo pensei em não ir, pois não sei mexer em um computador, pensamentos, então, vinham à mente:

— Como vou fazer esse curso, se não fiz o ensino médio, só fiz as provas? Não sei os conteúdos detalhados, como vou fazer um curso em um instituto federal? O curso deve ser somente para quem tem muita inteligência...

Agora, no entanto, estou fazendo o curso e já estou no quarto semestre. Hoje, sinto-me mais preparada para prosseguir o curso. Muitas vezes pensei em desistir, mas com a ajuda dos

colegas e da família continuei. Tenho muita vontade de conseguir me formar e arranjar um emprego na área de Administração.

No primeiro dia que vim ao IFSul, fui muito bem recebida me senti bem acolhida por todos, começando pela portaria, e no momento que adentrei o prédio da instituição, senti-me tão bem, pois eu e meus colegas fomos até o auditório, onde tivemos uma recepção de boas-vindas. A turma que começou comigo continua junta até hoje.

Tive muitas dificuldades, mas os professores são muito compreensivos e nos ajudam. Tive várias provas, achei que não fosse conseguir passar, mas passei! O que considero muito bom é como temos incentivos dos professores para não desistir. Hoje, estudando aqui, percebo como as portas se abrem quando falo que sou aluna do IFSul. Quando pensarem em desistir, colegas, pensem sempre que tudo vai dar certo! Hoje, quase sem tempo para me dedicar aos estudos, não penso em desistir. Continuem, colegas! Força e acreditem, tudo vai dar certo! Lutem pelos seus sonhos e conquistas.